

## A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO URBANO E OS PROCESSOS DE COMEMORAÇÃO E REMEMORAÇÃO DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA

**LUANY RAFAELA RIBAS DE LIMA LEMOS**

*Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Cerro Largo  
luanylemos0411@gmail.com*

**CAROLINE MALLMANN SCHNEIDERS**

*Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS, Campus Cerro Largo/RS)  
caroline.schneiders@uffs.edu.br*

### 1 Introdução

Os estudos discursivos, enquanto uma área das ciências da linguagem, expandem-se na medida em que se percebem os diversos efeitos de sentido presentes nos discursos que circulam em todas as esferas sociais, incluindo o meio urbano. Nesses espaços, estão abrigadas as mais variadas designações que, de alguma maneira, produzem sentidos a partir da inscrição da memória discursiva, da história e da ideologia, que não somente contribuem para o que deve ser lembrado e celebrado, como delimitam até onde deve-se lembrar, isto é, o que deve ser dito, bem como o que deve ser esquecido, silenciado.

A Praça Pinheiro Machado, situada na cidade de Santo Ângelo (RS), também designada como a “Capital das Missões” e “Capital Missioneira”, espaço ao qual nos determos, é um ambiente que está repleto de materialidades que visam a constante rememoração da história da redução jesuítica que ali um dia esteve. Tendo em vista que os eventos históricos são trazidos sempre sob determinados vieses ideológicos, outros que não cabem dentro das retratações reproduzidas acabam por serem silenciados. Por isso, a reflexão a respeito dos materiais que circulam no meio urbano: para compreender o que representam, o que reproduzem, o que nos contam, bem como aquilo que silenciam, aquilo que faz parte do ângulo da história não pertencente àquele que se optou ser exibido, lembrado, celebrado.

### 2 Objetivos

Temos, como objetivo geral, observar o modo como as designações determinam a região das Missões do Rio Grande do Sul (RS), contribuindo para a constituição de um determinado imaginário urbano, a partir da análise de discursos que circulam em diferentes espaços urbanos. Quanto aos objetivos específicos, visamos: compreender os efeitos de

história e da memória por meio do funcionamento discursivo dos discursos que circulam nos espaços urbanos da região das Missões/RS, partindo da análise da praça Pinheiro Machado, situada na cidade de Santo Ângelo/RS, designada como a “Capital Missioneira”; compreender as condições de produção dos discursos que constituem o espaço urbano e que serão objetos de análise; explicitar o modo como as materialidades discursivas que serão analisadas são determinadas histórico e ideologicamente; e analisar como os espaços urbanos comemoram e rememoram determinada memória acerca da região das Missões/RS.

### **3 Metodologia**

A pesquisa desenvolveu-se a partir da delimitação do objeto de análise – a Praça Pinheiro Machado do município de Santo Ângelo/RS, a “Capital das Missões” – e, ainda, mais especificamente, do Museu a Céu Aberto da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio presente no espaço urbano da praça em questão. A presente proposta apoia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD), visando, em especial, a relação do discurso com a exterioridade, bem como com a memória e a história que é colocada em circulação, para, assim, compreendermos o funcionamento da rememoração e da comemoração no espaço urbano em análise.

### **4 Resultados e Discussão**

Considerando o fato de que, em nossa reflexão, constituímos um arquivo composto por diferentes materialidades que compõe a praça Pinheiro Machado, devemos refletir sobre a ideologia dominante que afeta o discurso em circulação, bem como tomar o arquivo em relação ao que entendemos por memória institucional. Primeiramente, a respeito do arquivo, este é constituído por documentos, ou, como coloca Fedatto (2013, p. 32), por uma materialidade documental. Esta faz parte do conjunto de mecanismos existentes que servem para fazer certas lembranças permanentes. Esse arquivo pode ser composto por documentos de diferentes estruturas, por textos verbais e não verbais, como pinturas, monumentos, estátuas, espaços destinados à preservação de determinado(s) objeto(s) e outras materialidades que de alguma forma guardam em si as memórias que se buscam rememorar.

No caso da praça, tornar as memórias permanentes por meio da urbanidade, e através de monumentos, embora não se tratem de documentos verbais, produzem efeitos de sentido da

mesma forma, são discursos que significam e fazem ressoar memórias nos espaços em que estão localizados. Como cita Orlandi, o monumento/estátua pode ser entendido “como gesto de uma memória, de um Estado, é um discurso que individua” (2010, p. 05).

Assim, o arquivo produz uma memória institucional por meio dos monumentos e demais materialidades que o constituem, sendo conceituado por Fedatto (2013, p. 29) como a memória que se sustenta por meio de uma textualidade documental e que mantém os sentidos em circulação através de um meio específico e que, portanto, visam uma história institucionalizada. No caso da praça “Pinheiro Machado”, esse meio de veiculação é o imaginário urbano, sendo que as materialidades que a compõem são os monumentos e, portanto, discursos os quais constituem o seu arquivo de memória.

É importante destacar, nesse momento, que todo arquivo é composto por um conjunto documental pertinente às memórias que se busca veicular, sendo assim, o silenciamento de materialidades outras que não as rememoram se faz inevitável. Orlandi distingue duas variantes do silêncio (2007, p. 24), o silêncio fundador, que é o silêncio que existe propriamente nas palavras. A segunda é a política do silêncio (o silenciamento), esta é subdividida em: silêncio constitutivo (que significa o não-dito, uma vez que ao dizer determinada palavra estamos silenciando tantas outras que poderiam estar no seu lugar) e silêncio local (este trata especificamente da censura, o que é proibido de se dizer em determinadas ocasiões, eventos ou circunstâncias históricas ou sociais).

O interdiscurso ou memória discursiva possuem um papel fundamental nesse processo, podemos conceituá-lo como uma memória que abriga uma extensa rede de formulações pré-existentes, de já-ditos que ficam esquecidos, por assim dizer, fora de nosso alcance consciente. Os sujeitos apropriam-se de já-ditos, de palavras outras já esquecidas, mas que permanecem na memória discursiva, como se tivessem originado-se ali, quando, na verdade, estão às repetindo, e/ou as ressignificando para constituir seus próprios dizeres.

No caso da Praça Pinheiro Machado, situada no município de Santo Ângelo/RS, enquanto espaço de significação, institui não somente o imaginário urbano, mas também as designações que circulam na região, operando como o principal mecanismo de comemoração e rememoração da história e da cultura local, que, por sua vez, são responsáveis pela designação “Capital Missioneira” associada ao referido município, uma vez que, segundo Guimarães (2003, p. 2),

A designação é o que considero a significação de um nome enquanto sua relação com outros nomes e com o mundo recordado historicamente pelo nome. A designação não é algo abstrato, mas linguístico e histórico. Ou seja, é uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real. Por isso um nome não é uma palavra que classifica objetos, incluindo-os em certos conjuntos.

Portanto, a Praça Pinheiro Machado, enquanto elemento constituinte sem o qual a cidade não possuiria a mesma designação e conseqüente imaginário urbano, opera como o principal mecanismo de comemoração e rememoração da história e da cultura missioneira, visto que, para Venturini (2008, p. 7), “A rememoração/comemoração, juntas, constituem o interdiscurso – fio do discurso do sujeito – como efeito do interdiscurso sobre si mesmo. A rememoração – eixo vertical – tem dois funcionamentos: como memória e como texto fundante”.

Na Praça Pinheiro Machado, bem como em todos os espaços de significação, as materialidades significantes convergem para manter a memória discursiva e social do município, que, por sua vez, constituem-se de enunciados acerca da redução jesuítica – que, no passado, esteve ali – cujas lembranças são rememoradas por meio dessas materialidades. Entretanto, é importante destacar que, para montar um arquivo e, conseqüentemente, moldar a história, movimentam-se memórias específicas e, portanto, silenciam-se outras. As materialidades que permanecem expostas – e, assim, se firmam como mecanismos de rememoração – portam, em alguma escala, memórias que produzem sentidos pertinentes para as instituições envolvidas nesse processo de construção ou rememoração cultural. Ao tratarmos de rememoração estamos, inerentemente, tratando com o silenciamento de tudo aquilo que não fora rememorado, havendo sempre a interferência da ideologia.

Na perspectiva discursiva, Venturini (2018, p. 3) define o museu como o lugar do “já vivido” e, portanto, “já significado” submetido às instituições responsáveis não somente pelo seu gerenciamento, mas também pela interpretação e conseqüente significação do objeto histórico em questão. Assim, o Museu a Céu Aberto da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio, localizado nas laterais da Catedral Angelopolitana, bem como todos os demais museus, opera como uma materialidade discursiva de extrema relevância no que diz respeito à constituição do imaginário urbano do município de Santo Ângelo/RS, uma vez que, para Marques (2012, p. 2), “Estes criam novos sentidos para as coisas e (re)definem a realidade, razão pela qual são considerados práticas de significação”.

Devido ao fato da cidade e, portanto, da Praça Pinheiro Machado ter-se desenvolvido no local do antigo sítio arqueológico que, no passado, abrigou a Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio, várias edificações foram erguidas sobre suas fundações, não sendo possível uma exposição total ao ar livre. Entretanto, esse centro histórico as denominadas “janelas arqueológicas” mostram uma parcialidade dos vestígios da antiga redução, tornando possível a visualização não somente de alicerces, ladrilhos e pilares dos remanescentes do que fora o templo jesuítico-guarani – erguido no século XVIII – , mas também das antigas casas dos padres – que uniam-se à igreja.

Ao voltarmos a nossa visão para a Praça Pinheiro Machado, é possível compreender que a mesma constitui-se, em grande parte, de elementos do catolicismo – que buscam rememorar a história da missão jesuítica – e, ao encontro desses elementos, os objetos expostos no Museu a Céu Aberto reafirmam, novamente, a valorização das crenças jesuíticas em detrimento das crenças indígenas. Ou seja, as materialidades discursivas vinculam-se a formações discursivas que, de certa maneira, defendem a rememoração da história e da cultura dos povos jesuítas, silenciando, assim, a história e a cultura dos povos indígenas. Portanto, na medida em que há a exaltação dos colonizadores – os jesuítas –, há, igualmente, o apagamento no que diz respeito aos colonizados – os indígenas.

## 5 Conclusão

A Praça Pinheiro Machado constitui-se como um espaço de significação, uma vez que está repleta de objetos simbólicos inscritos em um extenso sistema operante na memória social e discursiva vigente no município, memória essa que se compõe de discursos que remetem à redução jesuítica que, no passado, existiu na referida praça. Esses discursos contribuem para a constituição sócio histórica do município e para a preservação, comemoração e rememoração de determinadas memórias, bem como para o silenciamento de outras.

### Referências bibliográficas

- FEDATTO, Caroline. **Um saber nas ruas**: o discurso histórico sobre a cidade brasileira. Editora da Unicamp, 2012.
- GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Letras**, Santa Maria, n. 26, p. 53-62, 2003.

MARQUES, J. G. **Discurso dos museus**: perspectivas transdisciplinares. Conferência proferida no Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo, 2012.

ORLANDI, Eni. Os sentidos de uma estátua: espaço, individuação, acontecimento e memória. **Entremeios**: revista de estudos do discurso. v.1, n.1, jul/2010. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

VENTURINI, M. C. **Rememoração/comemoração**: prática discursiva de constituição de um imaginário urbano. Santa Maria: UFSM, 2008.

VENTURINI, M. C; SCHON, S. M. Documentário, língua e o museu no/pelo olhar discursivo. **RUA**, Campinas, SP, v. 24, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8653699>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

**Palavras-chave**: Praça; memória; história; rememoração; espaço urbano.

**Nº de Registro no sistema Prisma**: PES-2022-0408

**Financiamento**: UFFS